

Ópera Barroca *Daphnis et Églé* de Jean-Philippe Rameau

Teatro Diogo Bernardes

14 de Outubro de 2023, 21h30

Notas ao programa

Há 270 anos, precisamente no mês de Outubro, vinha à luz *Daphnis et Églé*, uma pastoral heróica composta por Jean-Philippe Rameau (1683-1764) a partir do libreto de Charles Collé (1709-1783). Concebida como entretenimento para a corte do rei francês Luís XV (1710-1774), em Fontainebleau, foi cancelada no dia prévio à estreia, após o ensaio geral, não voltando a ser interpretada em vida do compositor e do libretista. Este momento seria determinante para a relação de Collé com Rameau, pois a partir de aqui a admiração que nutria o libretista pelo compositor transformar-se-ia num profundo ressentimento destilado através da escrita diarística. Mas esta relação não é a única vítima de *Daphnis et Églé*. Conta-nos Graham Sadler, reconhecido especialista da música barroca francesa, que o mau desempenho dos espetáculos programados para a viagem da corte a Fontainebleau, no ano de 1753, desembocou na demissão de François Rebel e François Francœur da direção da Académie Royale de Musique. Eis o resultado de uma pequena ópera de apenas um ato, cuja temática pastoral e sentimental não nos levaria a vaticinar tal desfecho.

Viajemos agora a Fontainebleau para perceber melhor o contexto da ópera em apreço. Todos os Outonos, o rei e a sua corte deslocavam-se até ao palácio de Fontainebleau para desfrutar de caçadas, jogos, passeios e espetáculos. O aventureiro veneziano Giacomo Casanova (1725-1798), que nos legou um retrato da vida e dos costumes setecentistas perfilado através das suas memórias, revela-nos a importância capital deste local: “Luís XV era seguido por atores franceses e italianos e por artistas de ópera. Durante estas seis semanas, Fontainebleau brilhou muito mais do que Versalhes”. Em palavras do célebre Casanova, durante a sumptuosa temporada de ópera, Fontainebleau conseguia ofuscar o esplendor do próprio Versalhes!

É neste contexto que surge *Daphnis et Églé*, uma pequena ópera de inspiração mitológica que narra a história de dois pastores que acreditam ser apenas amigos, precisando da intervenção da divindade do amor, Cupido, para descobrir a verdadeira natureza dos seus sentimentos. Este tema do amor disfarçado de amizade, se bem à

primeira vista pode parecer um assunto trivial, esconde uma alusão alegórica à relação do rei Luís XV com Mme. de Pompadour – pois ambos afirmavam ter deixado atrás a relação amorosa mantida em favor de uma inquebrantável relação de amizade. Seria esta alusão a causa do cancelamento da ópera? A resposta a esta questão não é clara. Contudo, seja ou não esta a causa determinante, o que sim podemos afirmar é que desde um ponto de vista literário, *Daphnis et Églé* foi cedo criticada devido à qualidade do seu libreto – uma crítica que começa no ano de criação da ópera e que perdura até aos nossos dias. No entanto, desde um ponto de vista musical, esta ópera sempre revelou um interesse notável, quer pela exploração de estilos musicais contrastantes (alemão e francês), quer pelo diversificado tratamento da música de dança. Esses dois aspetos são também característicos da peça instrumental que prologa este concerto, a Sonata para oito instrumentos H. 548 de Marc-Antoine Charpentier (1643-1704), onde se fundem elementos da sonata com a suite (conjunto de danças), antecipando assim o tratamento composicional de obras como *Les nations* de François Couperin (1668-1733).

O espetáculo que hoje irão presenciar é uma criação de Aurum et Purpura, um núcleo de criação artístico diverso, que tem como um dos seus objetivos aproximar a música historicamente informada a todos os públicos. Com este intuito, apresenta-se uma proposta cénica original assente em dois princípios fundamentais: a interpretação histórica consciente, através de grupos de relevo nesta área, como o Ensemble Portugaloise, que se dedica ao estudo e divulgação do repertório de dança histórica, e o Musurgia Ensemble, destinado à interpretação de música antiga; e a revisitação criativa do património cultural, destacando-se aqui a encenação de Jean-Denis Monory, os figurinos de Cláudia Ribeiro e o desenho de luz de João Castro Gomes, que transportarão o ambiente pastoral de *Daphnis et Églé* para o nosso contexto nacional.

Ana Isabel Nistal Freijo

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA:

Uma **criação** de Aurum et Purpura – Núcleo de Criação Artístico

Direção de cena: Jean-Denis Monory

Direção coreográfica: Catarina Costa e Silva

Direção Artística: Jorge Luís Castro

Direção Musical: João Francisco Távora e Helder Sousa

Figurinos: Cláudia Ribeiro

Desenho de Luz: João Castro Gomes

Direção Executiva: João Francisco Távora

Comunicação e assistente de produção: Silvia Cortini

Fotografia: Pedro Sardinha

Vídeo: Adriana Romero

Solistas:

Églé: Sofia Pedro

Daphnis: Fernando Guimarães

Amour: Margarida Pinheiro

Padre: Jorge Luís Castro

Musurgia Ensemble (dir. João Francisco Távora e Helder Sousa)

Violino: Mario Braña (concertino), Andoni Conde Villar, Mariña García-Bouso

Viola: Francisco Cymbron

Violoncelo: António Cucu

Viola da Gamba: Xurxo Varela

Flauta de Bisel: João Francisco Távora, Silvia Cortini

Oboé: Andreia Carvalho, José Carvalho

Fagote: Joana Almeida

Teorba: Pedro Martins

Cravo: Helder Sousa

Ensemble Portingaloise

Catarina Costa e Silva e Thiago Vaz Cruvinel

Catarina Namour, Gustavo Carneiro e Mariana Fernandes (Ginasiano Escola de Dança)

Coro: Inês Campos, Margarida Pinheiro, Thiago Vaz Cruvinel e Miguel Barreira

Notas ao programa: Ana Nistal Freijo

Apoios:

Teatro Diogo Bernardes | Município de Ponte de Lima

República Portuguesa – Cultura | DGARTES – Direção-Geral das Artes

DRCN – Direção Regional da Cultura do Norte

Musurgia – Associação Cultural

Portingaloise – Associação Cultural e Artística

Ginasiano Escola de Dança

Antena 2